



Agressividade em jogadores portugueses de futebol

Luciana de Castro Bidutte, Roberta Gurgel Azzi, José Vasconcelos Raposo e Leandro Almeida

Bidutte, L. C.; Azzi, R. G.; Raposo, J. V.; Almeida, L. (2006). **Agressividade em jogadores portugueses de futebol**. *Motricidade 2* (1): 13-22

Resumo

O objectivo desta investigação foi recolher e analisar dados sobre o comportamento agressivo dos jogadores de futebol dos escalões sénior e júnior de Portugal, mais especificamente comparar índices de agressividade em relação à posição do jogador e aos anos de prática do jogador na modalidade. Para o efeito foram estudados 125 jogadores seniores que participaram na 1ª Liga do Campeonato Nacional de Portugal e 88 jogadores do escalão júnior das duas subdivisões (17 e 18). Para a recolha dos dados foram utilizados o *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)* e um questionário informativo sobre dados pessoais e da carreira desportiva dos atletas. Os resultados demonstraram existir diferenças estatisticamente significativas entre os jogadores seniores em relação aos jogadores juniores na dimensão reactiva ou hostil da agressividade. A apreciação dos valores descritivos informa que, quanto maior é o número de anos de competição, maiores são os índices de agressividade apresentados pelos atletas.

Palavras – Chave: Agressão, posição em campo, anos de competição.

data de submissão: 14-10-2005

data de aceitação: 17-01-2006

Abstract

Aggressiveness among portuguese soccer players

The purpose of this research was to collect and review data on aggressive behavior of senior and junior soccer players from Portugal, more specifically, to compare aggressiveness levels in relation to the field position held by players and the time of competitive experience in this sport. For the purpose of the present study 125 senior players were analyzed, all competitors in the 1st League of the National Championship of Portugal. A second group consisted of 88 junior players from both subdivisions (17 and 18 years old). The data was collected through the application of the *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)* and an inform questionnaire involving personal and career data of the athletes. The results showed that there were statistically significant differences between senior and junior players at the level of the reactive or hostile aspect of the aggressiveness. The assessment of the descriptive values showed that the larger the number of years in competition, the higher the aggressiveness levels presented by athletes.

Key-Words: Aggressiveness, field position, years of competition.





Introdução

Os eventos desportivos representam um fenómeno sociocultural complexo cuja compreensão e explicação não é fácil. Embora tenham sido realizadas várias investigações em torno do fenómeno de violência e da agressividade em contexto desportivo (1, 8, 6, 9, 5), ainda é difícil compreender toda a extensão destes fenómenos. Estes comportamentos e emoções são vivenciados por pessoas que participam da competição, por atletas e por acompanhantes que compõem o cenário do desporto, ou seja, os treinadores, os familiares, os árbitros e, até, os meios de comunicação. Como salienta Thirer (16) é importante o estudo do fenómeno da agressão no desporto infantil, amador e na alta competição, versando os adeptos e os jogadores.

É importante ressaltar que o estudo da agressão tem contado, além da contribuição da psicologia, com estudos da biologia, da antropologia e da sociologia, entre outros. Na revisão da literatura (7, 13, 15, 10, 4) referente ao conceito de agressividade e violência, percebemos que existem diferentes interpretações em relação a esse assunto. As várias abordagens e atributos teóricos justificam essa diversidade conceptual.

Para os propósitos deste trabalho, adoptamos a visão de Bredemeier (3). Na distinção do comportamento agressivo e violento, esta investigadora afirma que o comportamento agressivo no desporto é “o início intencional do comportamento violento e prejudicial. ‘Violento’ significa qualquer ofensa física, verbal ou não verbal, enquanto ‘comportamento para causar dano’ quer dizer qualquer intenção ou acção prejudicial” (3, p. 43). A autora complementa que, uma falta accidental ou lesão a outro atleta provocada pela falta de habilidade, não será considerada agressão; uma falta intencional, mesmo que daí não resulte em prejuízo ou lesão para o outro atleta, é considerada uma agressão no desporto.

Para uma melhor compreensão do tema, recorreremos ao trabalho de Samulski (13) que apresenta

a agressão como hostil ou reactiva e instrumental. A agressividade hostil ou reactiva tem a intenção explícita de prejudicar ou lesar o adversário, enquanto a agressão instrumental está relacionada a uma determinada situação do jogo que pode envolver o dano ao adversário com o intuito de alcançar as suas próprias metas (ex. ganhar um jogo) ou impedir que outra pessoa alcance as suas metas (ex. impedir um chute ao golo). Conforme complementa Geen (7), a agressão instrumental pode envolver uma forte emoção, mas é basicamente motivada por interesses diferentes de prejudicar o outro.

A realidade é que ambas as formas de agressões, hostis ou reactivas e instrumentais, estão relacionadas às metas ou objectivos a atingir. O que as diferencia é que a primeira necessariamente tem como meta causar dano ao adversário, enquanto a segunda pode envolver o dano ao adversário, mas a intenção está relacionada com o alcançar de um determinado resultado desportivo positivo ou favorável.

É dentro desse contexto que Bredemeier (2,3) define a agressão atlética como o início de um ataque dentro do mundo desportivo, mais especificamente, podem ser consideradas agressões que ocorrem dentro do desporto competitivo.

Samulski (12) indica que a origem dos comportamentos agressivos nos jogos está associada com a importância dos mesmos para o rendimento dos atletas e das equipas, acrescentando outras variáveis intervenientes como a posição e a tarefa tática do jogador, o comportamento do árbitro e dos treinadores, o comportamento e dimensão das claques ou as próprias das regras desportivas. Nesse sentido, a avaliação cognitiva que o atleta faz do jogo e o “peso” que cada competição tem para ele contribuem para o comportamento agressivo. Ryan, Williams e Wimer (11) concluíram que, conferir legitimidade a actos agressivos, é mais frequente em jogadores de basquete do primeiro ano do



que em jogadores experientes, mas a avaliação da agressividade manifesta pelos participantes do primeiro ano, no fim da época, aponta para um nível mais baixo do que o nível atingido nas equipas experientes.

Os jogadores agressivos costumam receber um tratamento de destaque no noticiário, o que provoca a associação de agressão-destaque. Esta associação, por vezes, torna-se um factor motivador ou de reforço para perpetuar o comportamento agressivo (9). Portanto, podemos considerar que o próprio modo como os meios de comunicação apresentam as notícias nos jornais e em particular na televisão sobre os acontecimentos desportivos, em particular a agressividade, pode favorecer a adesão a esse tipo de comportamentos por parte dos atletas e do público em geral. As palavras utilizadas pelos atletas e jornalistas em torno de comportamentos agressivos explícitos nos jogos geram uma atmosfera agressiva e violenta ao longo de toda uma época.

No presente estudo pretendemos contribuir para o entendimento da prática do comportamento agressivo e as frequentes manifestações desses comportamentos na modalidade do futebol. Com isso, podemos não só contribuir para o campo da psicologia do desporto, como também para a actuação e formação dos treinadores e atletas. Para além de explorar os factores que podem influenciar a prática desse comportamento, esperamos com este estudo contribuir com alguns dados que possam reforçar atitudes preventivas dos responsáveis e dos

atletas em torno da agressividade no desporto.

De acordo com o enunciado, definimos como objectivo geral do estudo recolher e analisar dados sobre o comportamento agressivo dos jogadores da modalidade futebol dos escalões sénior e júnior de Portugal. Em termos de objetivos mais específicos pretendemos comparar índices de agressividade em relação à posição do jogador e aos anos de prática do jogador na modalidade.

Metodologia

Sujeitos

Os sujeitos que fizeram parte deste estudo referem-se a jogadores de futebol do sexo masculino (N=191) que participam na 1ª Divisão de Futebol do Campeonato de Portugal realizado no período 2000-2001, ou seja, equipas pertencentes à 1ª Liga. A amostra incluiu, ainda, um clube que pertencia à 2ª Liga (N=22), para além de cinco equipas do escalão júnior das duas subdivisões (entre os 17 e 18 anos) de 35 equipas.

Os jogadores do escalão sénior (N=125) compreendiam entre os 17 e 35 anos ($M = 22,8$ anos; $DP = 5,1$ anos) havendo maior concentração nos 17 e 18 anos, e na faixa etária entre os 23 e 28 anos. Os jogadores do escalão júnior (N=88) são significativamente ($t[211]=23,3$; $p<0,001$) mais novos ($M=17,7$ anos) que os do escalão sénior ($M=26,4$ anos) como, aliás, seria de esperar. A maioria dos atletas do estudo pertence ao escalão

Tabela 1 - Distribuição dos jogadores de acordo com o escalão e a divisão

Divisão	Escalão	Número de jogadores	
		N	%
1ª	Sénior	103	82,4%
2ª	Sénior	22	17,6%
Total	Sénior	125	100%
17 e 18 anos	Júnior	88	100%
TOTAL	Sénior/Júnior	213	100%



sénior (59%) seguido de 41% do escalão júnior.

Quanto à posição que os jogadores ocupam dentro de campo, a posição “médio” (33,3%) e a de “defesa” (32,4%) são aquelas que apresentam maior percentagem de jogadores e, como era de esperar, o “guarda-redes”, a menor (10,8%). A maioria dos atletas (62,7%) pratica profissionalmente esta modalidade desportiva há pelo menos 8 anos, sendo que os outros 37,3% exercem esta profissão entre os 9 e 18 anos. Por outro lado, 55,4% possuem entre 2 a 10 anos de prática de futebol, entendendo-se por anos de prática profissional o período em que os jogadores jogam futebol como profissionais, enquanto a prática na modalidade indica o período em que os jogadores praticam futebol desde que começaram a jogar para algum clube.

Instrumentos

A todos os jogadores deste estudo foi aplicada uma versão traduzida e adaptada do *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)*. Este instrumento (2) tem como objectivo avaliar: 1 - a agressão hostil ou reactiva, tem a intenção explícita de prejudicar ou lesar o adversário (por exemplo, “sinto prazer em prejudicar o meu adversário”), 2 - a agressão instrumental que está relacionada a uma determinada situação que pode envolver o dano ao adversário com o intuito de alcançar as suas próprias metas ou impedir que outra pessoa alcance as suas metas (por exemplo, “um bom desempenho é mais importante do que a satisfação de derrotar alguém”) e 3 - a agressão atlética geral no contexto desportivo definida como agressões que ocorrem dentro do desporto competitivo (por exemplo, “só levo meu adversário em consideração pela segurança da estratégia”). A escala é composta por 30 itens (14 itens para a escala hostil ou reactiva, 14 itens para a escala instrumental e 2 itens para a escala agressão atlética), com quatro alternativas de resposta, do tipo *likert*, pontuadas de um a quatro (1= con-

cordo totalmente, 2= concordo, 3= discordo, 4= discordo totalmente), que se referem a situações desportivas e ao próprio indivíduo.

Aquando da administração do BAAGI foi também aplicado um questionário informativo, constituído na versão final de questões semi-abertas (alternativas) e fechadas (escolha de duas alternativas) referentes a elementos pessoais e da carreira dos jogadores. As questões incluíam perguntas referentes à idade, clube, grau de escolaridade, posição no campo, escalão e categoria a que o jogador pertencia, anos de prática na modalidade e anos de carreira como profissional. Incluindo-se, também uma questão relativa ao número de cartões recebidos durante uma época.

Procedimentos

Após a autorização da autora (2), o instrumento *Bredemeier Athletic Aggression Inventory (BAAGI)* foi traduzido do inglês para o português. Em seguida, visando a adaptação para a língua portuguesa e para a interpretação da escala, foi realizado o método da “reflexão falada” com três futebolistas. Com base nesta análise do conteúdo e da redacção dos itens, sobretudo da sua compreensão correcta pelos sujeitos, procederam-se a várias alterações no instrumento. Estas alterações passaram pela redacção dos itens, clarificação das idéias expressas e substituição de algumas palavras usadas. Em seguida, o BAAGI foi aplicado a 10 sujeitos do escalão sénior pertencentes ao mesmo clube. Nesta fase, não houve necessidade de proceder a qualquer alteração em termos do conteúdo dos itens e da sua interpretação, seguindo-se para a fase final do estudo, com a aplicação do questionário a 213 atletas, conforme citado.

A recolha dos dados foi realizada em contexto de pequeno grupo, pela própria investigadora ou por estagiários de Psicologia do Desporto que foram especificamente treinados para o efeito. Os instrumentos foram distribuídos a cada futebolista no final do treino com uma pequena intro-





Agressividade em jogadores portugueses de futebol

Luciana de Castro Bidutte, Roberta Gurgel Azzi, José Vasconcelos Raposo e Leandro Almeida

Resultados

dução, que englobava: apresentação do aplicador, explicação sobre os objectivos do estudo e sigilo das respostas, além da disponibilidade do aplicador para o esclarecimento de eventuais dúvidas suscitadas por alguns itens.

Os dados recolhidos foram analisados através do programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) – Windows (Versão 11.0)*.

A garantia do instrumento foi verificada pelo coeficiente *alfa de Cronbach*, relacionando os itens entre si e dentro de cada sub-escala (Tabela 2). O coeficiente *alfa* igual a 0,70 indica que o instrumento possui garantia. Em referência à correlação de cada item da escala de agressividade com o total geral da escala observou-se que os itens 4, 11, 13, 18, 19, 20 e 24 apresentam valores pouco relacionados com o valor total da escala de agressividade (BAAGI). Estes coeficientes tão baixos reflectem a especificidade desses mesmos itens, ou seja, eles apresentam maior singularidade em termos de pertença à escala como um todo. Apreciando a oscilação nos valores do alfa com a eliminação dos itens mais problemáticos, sugere-se que sejam eliminados os itens 10, 11, 13, 20 e 24, que possuem correlação item-total negativa e próxima de zero, melhorando assim a garantia do inventário “*Bredemeier Athletic Aggression Inventory*”.

Na escala referente à agressividade atlética, em virtude de apenas ser constituída por dois itens, não se procedeu ao estudo da sua garantia. O coeficiente alpha de Cronbrach, trabalhando numa lógica de apreciação da homogeneidade ou consistência interna dos itens, requer para seu cálculo um número superior de itens.

Um aspecto particularmente importante nesta investigação refere-se ao número e ao tipo de “cartões” recebidos, na medida em que a sua frequência e intensidade podem estar relacionadas com a agressividade desportiva do jogador. Na tabela 3 descrevemos o número e o tipo de cartões que os atletas referem ter recebido.

Como pode ser visto na Tabela 3, os atletas juniores obtiveram maior concentração na categoria de zero a quatro cartões (57,7%), subdividida na mesma categoria para os cartões amarelos (66,7%) e nenhum cartão vermelho (64,3%). Para o escalão sénior, a análise indica que o número de cartões recebidos por temporada também obteve





Tabela 2 – Correlação item-total corrigido e coeficiente **alfa** de **Cronbach** se o item é excluído da análise

Nº	Item	Correlação item-total corrigido	Alpha de Cronbach se item deletado
1	Normalmente não tenho consciência de sentimentos de irritação durante a competição	0,18	0,70
2	Durante o desempenho atlético, fico mais irritado do que as pessoas possam pensar	0,22	0,69
3	Sinto prazer em prejudicar o meu adversário	0,44	0,68
4	Quando as coisas vão mal no jogo, eu não tenho a tendência de descontar no adversário	0,08	0,71
5	Adoraria cortar o meu adversário em pedaços até não sobrar nada	0,29	0,69
6	Quando derroto um adversário, sinto prazer em deixá-lo de rastos	0,44	0,67
7	Quando um adversário me derrota, fico indignado a ponto de lhe fazer alguma coisa	0,49	0,68
8	Às vezes não consigo controlar o impulso de ferir um adversário	0,36	0,68
9	Às vezes fico surpreso com a minha fúria em relação ao adversário	0,48	0,67
10	Quando acontece algo inesperado na competição, sempre tento superar a dificuldade sem me irritar	-0,08	0,71
11	Sinto-me geralmente calmo e equilibrado após um evento atlético	-0,06	0,71
12	É fácil competir com um adversário que não conheço pessoalmente	0,17	0,70
13	Um bom rendimento é mais importante para mim do que a satisfação de agredir alguém	-0,04	0,71
14	Não é preciso muita coisa para me irritar numa competição desportiva	0,33	0,69
15	Por vezes delicio-me em pensar nas fraquezas de um adversário	0,45	0,68
16	Você tem que punir pessoas se quiser ganhar	0,21	0,69
17	Quando o meu treinador não me trata bem, sinto o ressentimento crescer dentro de mim	0,24	0,69
18	Geralmente obtenho mais sucesso quando as minhas emoções estão sob controlo e estou concentrado apenas no meu rendimento	0,09	0,70
19	Não me costumo isolar dos meus companheiros depois de uma experiência frustrante na competição	0,01	0,71
20	Raramente o meu adversário consegue pressionar até me levar a cometer erros	-0,00	0,71
21	Às vezes, no calor da competição, descubro uma característica pessoal que antes eu desconhecia em mim	0,28	0,69
22	Ocorrem-me acessos de fúria nas competições desportivas	0,33	0,68
23	Durante a competição, costumo isolar-me numa concha interior para ouvir mais a minha própria voz do que o barulho externo	0,10	0,70
24	O campeão é aquele que consegue desempenhar sem reagir emocionalmente às críticas pessoais	-0,00	0,71
25	Gosto de competir porque posso atirar as minhas frustrações para o meu adversário num evento desportivo	0,44	0,68
26	Minha irritação com árbitros é incontrolável	0,23	0,69
27	É me mais fácil preparar-me psicologicamente para uma competição pensando negativamente sobre o meu adversário	0,33	0,69
28	Não sinto antipatia intensa por um adversário	0,11	0,70
29	Em geral, não sinto vontade de causar dano a um adversário	0,22	0,69
30	Sou agressivo com adversário para garantir eficácia da estratégia	0,37	0,68
Total			0,70



Agressividade em jogadores portugueses de futebol

Luciana de Castro Bidutte, Roberta Gurgel Azzi, José Vasconcelos Raposo e Leandro Almeida

Tabela 3 – Distribuição dos jogadores por escalão de acordo com o número de cartões recebidos na temporada anterior

Cartões recebidos	Escalão	Número de cartões	Nº Atletas	
			Nº Atletas	%
Cartões amarelos	Júnior	De 0 a 4	56	66,7
		De 5 a 9	2	29,7
		De 10 a 14	1	1,2
		De 15 a 18	2	2,4
	Sênior	De 0 a 4	60	48,0
		De 5 a 9	47	37,6
		De 10 a 14	17	13,6
		De 15 a 20	1	0,8
Cartões vermelhos	Júnior	0	54	64,3
		1	22	26,2
		2	5	5,9
		3	3	3,6
		4	-	-
	Sênior	0	95	76,0
		1	21	16,8
		2	8	6,4
		3	-	-
		4	1	0,8
Cartões amarelos e vermelhos	Júnior	De 0 a 4	49	57,7
		De 5 a 9	31	36,5
		De 10 a 14	3	3,5
		De 15 a 20	2	2,3
	Sênior	De 0 a 4	54	43,2
		De 5 a 9	48	38,4
		De 10 a 14	21	16,8
		De 15 a 20	2	1,6

Tabela 4 – Correlações entre variáveis de pessoais e de carreira dos atletas

Variáveis	Grau de Escolaridade	Anos de Profissão	Anos a jogar Futebol	Nº cartões /temporada	Nº cartões amarelos	Nº cartões vermelhos
Idade	-0,038	0,907***	0,801***	0,182**	0,212**	-0,094
Grau de Escolaridade		-0,191*	0,045	-0,053	-0,052	-0,008
Anos de Profissão			0,724***	0,159	0,151	0,080
Anos de prática a jogar futebol				0,185**	0,219**	-0,117

* p<0,05; ** p<0,01; *** p< 0,001

a frequência mais alta para a mesma categoria (43,2%), subdividida para a categoria de zero a quatro cartões amarelos (48,0%) recebidos por temporada e nenhum cartão vermelho (76,0%).

Na tabela 4 apresentamos as correlações entre a idade dos atletas, o número de anos de profissão, os anos de prática a jogar futebol e o número de cartões na última temporada (cartões vermelhos e cartões amarelos). Como poderíamos antecipar, foram encontrados níveis elevados de correlação e altamente significativos do ponto de vista estatístico ($p < 0,001$). Neste estudo, comprovamos

que existe uma relação significativa e no sentido positivo entre a idade dos atletas, o número de anos de profissão e anos de prática do futebol, com relação ao número de cartões por temporada, sobretudo em termos de cartões amarelos.

Na tabela 5 indicamos as correlações entre variáveis pessoais dos atletas e os seus resultados no questionário de agressividade. Quando observadas as relações entre as escalas de agressividade verificou-se que a idade e os anos de prática a jogar futebol estão mais correlacionadas com a escala de agressão reactiva ($p < 0,001$) do que com

**Tabela 5** – Correlações entre variáveis dos atletas e resultados nas escalas de agressão

Variáveis	Nível de agressão		
	Agressão Instrumental	Agressão Hostil/Reactiva	Agressão Atlético
Agressão Instrumental		-0,359**	-0,270**
Agressão Hostil/Reactiva		1,000	0,428**
Idade	-0,157*	0,226**	0,167*
Grau de Escolaridade	-0,157*	0,158*	0,082
Anos a jogarem futebol	-0,166*	0,229**	0,112

*p< 0,05; ** p< 0,01

as outras duas escalas ($p<0,05$). Estes resultados permitiram-nos concluir uma relação estatisticamente significativa entre os anos de prática de futebol e o nível de agressividade reativa ou hostil dos jogadores.

Na Tabela 6 os dados apresentados evidenciaram que a hipótese de existência de uma diferença estatisticamente significativa no nível de agressividade instrumental, reactiva ou hostil e atlética em função da posição dos jogadores foi recusada. Com efeito, como também é mostrado na tabela, os valores das médias nas várias dimensões da agressividade são muito próximas entre os vários grupos de atletas em função do seu posicionamento ou função no jogo.

Tabela 6 – Análise de variância do nível de agressão de acordo com a posição dos jogadores de futebol no campo

Dimensão da escala	F(3,209)	p	Posição dos jogadores		Estatística
			N	M	
Instrumental	0,384	0,711	Guarda-redes	23	26,22
			Defesa	69	27,12
			Médio	71	27,34
			Avançado	50	27,24
Hostil/Reactiva	0,780	0,417	Guarda-redes	23	38,78
			Defesa	69	39,94
			Médio	71	40,41
			Avançado	50	40,72
Atlética	0,889	0,369	Guarda-redes	23	5,87
			Defesa	69	5,33
			Médio	71	5,52
			Avançado	50	5,56





Agressividade em jogadores portugueses de futebol

Luciana de Castro Bidutte, Roberta Gurgel Azzi, José Vasconcelos Raposo e Leandro Almeida

Discussão e Conclusão

De modo geral, como já era esperado, os dados deste trabalho sugerem que, quanto maior a idade dos atletas, o número de anos de profissão e anos de prática de futebol, maior o número de cartões recebidos por temporada, e em particular do total de cartões amarelos. A associação significativa e positiva entre este conjunto de variáveis parece óbvia em face do acúmulo da prática que todas estas variáveis acabam por considerar.

Nos escalões seniores verifica-se um aumento no número de cartões vermelhos recebidos à medida que o número de anos de prática no futebol aumenta. Por outro lado, nos escalões juniores observamos que, quanto menor o número de anos de prática de futebol dos jogadores, maior a tendência para receber cartões amarelos. Esses dados entram em concordância com os resultados de Ryan, Williams e Wimer (11). Estes autores constataram que conferir legitimidade a comportamentos agressivos foi mais freqüente em jogadores de basquete do primeiro ano do que em jogadores experientes, mas a avaliação dos participantes do primeiro ano no final da temporada apontou para um nível mais baixo do que o nível das equipas experientes. Isto indica que, à medida que o número de anos de prática na modalidade aumenta, a aceitação de comportamentos agressivos também aumenta, o que acaba por favorecer a perpetuação dos comportamentos agressivos. Assim, é preciso implantar medidas de prevenção e intervenção para o controlo do comportamento agressivo, tanto nos escalões de base quanto no escalão profissional.

Comparando-se os índices de agressividade e posição do jogador no campo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias dos resultados dos atletas nas dimensões da agressividade instrumental, reactiva ou hostil e atlética. Estes resultados contrariam a opinião de Samulski (12) quando afirma que, um dos factores

que colaboram para a origem dos comportamentos agressivos nos jogos, está relacionado com a posição e com a tarefa táctica do jogador. Talvez a utilização de um instrumento mais discriminativo em relação aos aspectos da posição e função do jogador e sua relação aos componentes de agressividade associados às diferentes posições pudesse permitir outros resultados. Também sobre este tema importa aumentar o número de investigações com outras modalidades e verificar se existe, ou não, uma influência significativa no comportamento agressivo de acordo com a posição do atleta. Também é possível que, nas equipas modernas, um mesmo atleta ocupe várias posições dentro do campo durante uma partida, o que vem complicar essa análise. Nesta altura, importará tomar o local e a situação de jogo em que ocorre a agressão, por exemplo, numa situação de defesa ou de ataque independentemente do atleta jogar numa determinada posição e função.

Por último, importa que novas investigações sejam realizadas com o objectivo de validar a escala “*Bredemeier Athletic Aggression Inventor*” (BAAGI), apesar de já ter sido realizado um estudo em Portugal com a escala por Silva (14). No entanto, julgamos que não só é discutível o sentido dado às várias dimensões da agressividade, como será possível estudar se os comportamentos agressivos que estão presentes nos vários itens se aplicam a todas as modalidades desportivas. As mudanças a operar na escala devem ainda considerar o fraco valor da correlação entre alguns itens e o total da escala, assim como permitir um aumento expressivo no número de itens para a dimensão “agressão atlética geral” de forma a fornecer a garantia dos resultados no instrumento.





Correspondência:

Luciana de Castro Bidutte
Morada: Alameda Jundiá, 620 – Jardim do
Lago
Atibaia - São Paulo – Brasil
CEP: 12.947-260.
e-mail: bidutte@megamail.pt

Referências

- 1 – Bandura A (1991). Social cognitive theory of moral thought and action. In Kurtines WN & Gewirtz JL (Eds.), *Handbook of moral behavior and development*. Hillsdale, N.J: Erlbaum, 45-113.
- 2 – Bredemeier BJ (1975). The assessment of reactive and instrumental athletic aggression. In Landers D M (Ed.), *Psychology of sport and motor behaviour-II*. State College, PA: Penn State HPER Series, 71-83.
- 3 – Bredemeier B (1983). Athletic aggression: A moral concern. In Goldstein J. (Ed.), *Sports violence*. New York: Springer-Verlag, 42-81.
- 4 – Buss AH (1961). *The psychology of aggression*. New York: Wiley.
- 5 – Cruz JF, Barbosa LG & Gomes AR (1997). Avaliação do stress e confronto psicológico na alta competição desportiva: Desenvolvimento e adaptação de instrumentos. In Actas da Conferência Internacional “Avaliação Psicológica: Formas e contextos”. Braga: APPOT.
- 6 – Dunn JGH & Dunn JC (1999). Goal orientations, perceptions of aggressive, and sportpersonship in elite male youth ice hockey players. *The Sport Psychologist*, 13: 183-200.
- 7 – Geen RG (1998). Processes and personal variables in affective aggression. In Geen RG & Donnerstein E (Eds.), *Human Aggression*. San Diego, CA: Academic Press, 1-21.
- 8 – Kirker B, Tenenbaum G & Mattson J (2000). An investigation of the dynamics of aggression: Direct observations in ice hockey and basketball. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 71 (4): 373-386.
- 9 – Machado AA (1998). *Interferência da torcida na ansiedade e agressividade de atletas adolescentes*. Tese de Livre Docência. Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro (Não publicado).
- 10 – Ruis HHB (1998). *Futebol e Sociedade: As manifestações da torcida*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (Não publicado).
- 11 – Ryan M K, Williams JM. & Wimer B (1990). Athletic aggression: Perceived legitimacy and behavioral intentions in girl’s high school basketball. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 12: 48-55.
- 12 – Samulski D (1995). *Psicologia do esporte: Teoria e aplicação prática*. UFMG, Belo Horizonte: Imprensa Universitária.
- 13 – Samulski D (2002). *Psicologia do Esporte*. São Paulo: Manole.
- 14 – Silva, PMS (2000). Espírito desportivo e agressividade: um estudo com alunos do 2o e 3o ciclo do ensino básico. Tese de Mestrado. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa.
- 15 – Silva III JM & Stevens DE (2002). *Psychological Foundations of Sport*. Boston. Allyn & Bacon.
- 16 – Thirer J (1993). Aggression. In Singer RN, Murphey M & Tennant LK (Eds.), *Handbook of research on sport psychology*. Canadá: MacMillan, 365-378.

